

## AS MARCAS DA SUBJETIVIDADE NO PREFÁCIO DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA

MARKS OF SUBJECTIVITY IN THE PREFACE OF A TEXTBOOK AIMED AT THE TEACHING OF ITALIAN  
LANGUAGE

LAS MARCAS DE LA SUBJETIVIDAD EN EL PREFACIO DE UN LIBRO DIDÁCTICO PARA ENSEÑANZA DE  
LA LENGUA ITALIANA

**Juciane Ferigolo Parcianello\***

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, BR

RESUMO: Interessa-nos, neste artigo, investigar quais efeitos de sentido podem ser depreendidos da presença das marcas de pessoa e tempo encontradas em enunciados do prefácio de um livro didático direcionado ao ensino de língua italiana, nos cursos oferecidos pela Associação Italiana de Santa Maria (AISM). Tal livro é: *Língua e Vita D'Italia* (1981), dos autores Katerin Katerinov e Maria Clotilde Boriosi Katerinov. Também pretendemos analisar as adjetivações e adverbializações como elementos de subjetividade, buscando apontar os possíveis sentidos que elas produzem. Partimos, para o trabalho analítico, dos pressupostos teóricos da Linguística da Enunciação, cujo teórico basilar é Émile Benveniste.

PALAVRAS-CHAVE: prefácio; Língua Italiana; enunciação; sentido.

ABSTRACT: Our interest, in this paper, is to investigate what effects of sense can be inferred from the presence of the marks of person and time found in the preface of a textbook aimed at the teaching of Italian language, in the courses offered by Associação Italiana de Santa Maria (AISM), Brasil. This book is: *Língua e Vita D'Italia* (1981), whose authors are Katerin Katerinov and Maria Clotilde Boriosi Katerinov. Also, we intend to analyze some adverbs and adjectives as elements of subjectivity, seeking to identify the possible senses they produce. We start from Émile Benveniste's enunciation theory for the analytical work.

KEYWORDS: preface; Italian language; enunciation; sense.

RESUMEN: Nos importa, en este artículo, investigar cuáles son los efectos de sentido que pueden percibirse a partir de la presencia de marcas de persona y tiempo encontradas en enunciados del prefacio de un libro didáctico direcionado a la enseñanza de la lengua italiana, en los cursos ofrecidos por la Associação Italiana de Santa Maria (AISM). El libro es: *Língua e Vita D'Italia* (1981), de Katerin Katerinov y Maria Clotilde Boriosi Katerinov. También se analizan las formas adjetivas y adverbiales como elementos de la subjetividad, intentando señalar, con eso, los sentidos posibles que esas formas expresan. La base, para el trabajo analítico, son los supuestos teóricos de la Linguística de la Enunciación, cuyo teórico principal es Émile Benveniste.

PALABRAS-CLAVE: prefacio; Lengua Italiana; enunciación; sentido.

### 1 INTRODUÇÃO

O exercício analítico de qualquer materialidade linguística exige do analista muita cautela, atenção, coerência teórica e metodológica. Isso ainda que se lance mão de um arcabouço teórico, no qual se prevê a existência de um aparato metodológico específico, já articulado e empregado por um grupo de analistas. Em caso de uma determinada teoria não apresentar ou não ter constituído uma metodologia, a atenção e a cautela devem ser redobradas.

Estamos, assim, integrando o segundo caso. E com a pretensão de analisar alguns enunciados, partindo dos fundamentos teóricos da Linguística da Enunciação, melhormente representada por Émile Benveniste, linguista este que não propôs nenhum método de análise a priori. No entanto, a ausência de uma metodologia pré-estabelecida, dada, pronta, traçada, não corresponde a dizer que não é possível a construção de um método, a partir de uma teoria, o qual venha a permitir o exercício analítico de materialidades linguísticas.

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista da CAPES. E-mail: [jferigolo@yahoo.com.br](mailto:jferigolo@yahoo.com.br).

É pensando dessa forma que pretendemos analisar as marcas da subjetividade, atentando para o que elas significam no enunciado, ou seja, (re)construindo seus possíveis sentidos, em um texto<sup>1</sup> recortado do prefácio de um livro didático, destinado ao ensino de língua italiana e utilizado por vários anos nos cursos que a Associação Italiana de Santa Maria – doravante AISM – disponibiliza à comunidade santamariense em geral. O livro é *Língua e Vita D'Italia*, de autoria de Katerin Katerinov e Maria Clotilde Boriosi Katerinov, publicado em 1981.

A escolha e o recorte da materialidade linguística para análise se devem, primeiramente, ao fato de que estamos desenvolvendo nossa pesquisa de doutorado sobre o funcionamento do político na política linguística de revitalização da língua italiana, empreendida pela AISM. Dessarte nos interessa analisar documentos oficiais, como o estatuto da Associação e o regimento dos circolos<sup>2</sup>, bem como os materiais didáticos usados nos cursos de italiano, já que esses textos permitem a realização de uma “leitura” do funcionamento do político. Compreendemos, então, que a análise das marcas de subjetividade no prefácio dos referidos livros e dos efeitos de sentidos que elas produzem será muito cara à construção dessa “leitura”, embora não seja nosso escopo, no presente trabalho, realizá-la.

Em segundo lugar, está o fato de que o prefácio constitui um discurso de opinião, de avaliação da obra, escrito, geralmente, na primeira pessoa do singular ou do plural, numa temporalidade que marca o presente do dizer. Investigar e discursivizar como (os) e quais sentidos se produzem quando o locutor toma a língua e enuncia, deixando nela as marcas da enunciação (BENVENISTE, 2006a, p. 82), ajuda-nos a compreender de que modo o sujeito se relaciona com a língua que fala<sup>3</sup> e com aquele para quem fala (interlocutor). Estamos, assim, diante de enunciados em que o locutor fala da própria língua e do ensino dessa língua. Sendo a língua atravessada pelo político, conforme sugere Guimarães (2002), estamos, com a análise de enunciados do prefácio, desnudando, de certa maneira, os modos contraditórios de o locutor se relacionar com a língua.

Indo do mais geral ao mais específico, o escopo deste artigo é responder as seguintes questões: como ou por meio de quais recursos formais – nível da forma – o locutor do prefácio promove um efeito de aproximação com o seu interlocutor – nível semântico – e com qual finalidade o faz? De quais recursos linguísticos o locutor do prefácio dispõe para convencer seu alocutário de que o livro didático que está sendo apresentado é confiável, eficaz e a melhor possibilidade para o aprendizado da língua italiana?

Para tanto, mobilizamos as categorias de pessoa e tempo, engendradas por Émile Benveniste no célebre artigo “O aparelho formal da enunciação<sup>4</sup>” (2006a), e também focaremos nas classes gramaticais adjetivo e advérbio, para investigar seu funcionamento semântico no nível do enunciado. Começamos o trabalho pela retomada de algumas noções, como as de locutor, sujeito, interlocutor, enunciação, enunciado, nível semiótico (ou das formas) e nível semântico (ou dos sentidos), além das de pessoa, tempo e espaço.

<sup>1</sup> Embora em seus trabalhos Benveniste não desenvolva a noção de texto, estamos considerando-o como a materialidade linguística que resulta da enunciação e, por isso, como lugar possível de análise das marcas da subjetividade.

<sup>2</sup> Os circolos são órgãos integrados à Associação Italiana de Santa Maria, responsáveis por divulgar a língua e a cultura de regiões específicas da Itália e também por promover atividades, eventos, festividades que visam à integração da comunidade em geral com os descendentes de imigrantes italianos da região e com a cultura da região da Itália que deu origem à nomeação do circolo. Atualmente, na AISM, há o Circolo Emilia-Romagna, o Circolo Veneto e o Circolo Friulano.

<sup>3</sup> Falar não deve ser entendido aqui como o ato mecânico de produzir sons, e sim como equivalente a enunciar.

<sup>4</sup> Embora seja este artigo de Benveniste o mais citado como referência às categorias de pessoa e tempo, em artigos anteriores, como *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade da linguagem* (1958), *A linguagem e a experiência humana* (1965) e *A forma e o sentido na linguagem* (1966), o autor já traz reflexões, descrições e delimitações a respeito dessas categorias.

## 2 OS NÍVEIS DA LÍNGUA(GEM): O SEMIÓTICO E O SEMÂNTICO OU A FORMA E O SENTIDO?

Nos artigos *Os níveis da análise linguística*<sup>5</sup> (2005a), *Semiologia da língua*<sup>6</sup> (2006b) e *A forma e o sentido na linguagem*<sup>7</sup> (2006c), observamos que os pontos de encontro entre eles são justamente aqueles relativos à distinção existente entre o nível do semiótico e o nível do semântico. Benveniste é muito claro quando afirma que qualquer sistema linguístico se constitui desses planos e que a significação está sujeita a ambos, ainda que de maneira distinta. Ele procura, então, discutir e apresentar o modo de funcionamento de cada nível, explicitando a natureza das relações existentes neles e entre eles. Para tanto, parte – e haveria como não partir? – de Saussure, mais precisamente do plano da forma ou do semiótico para chegar ao nível do sentido ou semântico, plano este relegado pelo teórico genebrino, por uma série de razões, que não nos interessa discutir neste texto.

Em *Os níveis da análise linguística* (2005a), Benveniste apresenta uma espécie de “modelo” de análise em níveis e chega, mais ao final do artigo, à discussão acerca das diferenças entre o nível do signo (semiótico)<sup>8</sup> e o nível da frase (semântico). De antemão, podemos compreender que uma análise linguística, à luz da teoria benvenistiana, não pode prescindir desses dois níveis.

No início do texto, o referido teórico esclarece que o domínio das relações entre os elementos linguísticos que será estudado “é o da língua como sistema orgânico de signos lingüísticos” (p. 127). No primeiro plano, que é o do signo ou da forma, a unidade é o signo propriamente. A análise deve, nessa circunstância, operar pela segmentação do signo em fonemas e, a partir disso, realizar as substituições fonemáticas para, em seguida, combinar os elementos novamente. Esse é o método de *distribuição*, com o qual se trabalham as relações paradigmáticas e sintagmáticas do signo e com o qual se estabelece que o sentido se produz nessas relações. Havendo na língua uma sequência de sons (significante) que remetem diretamente a um significado, há signo, e havendo signo há significação, que é aquela intrínseca a ele, por oposição à significação dos demais.

Sendo o signo constituído, em sua forma material, por uma sequência de fonemas, que não possuem significado próprio, em outro nível, o da frase, ele passa a ser o elemento que a constitui. Mas Benveniste esclarece que o sentido da frase não coincide com a soma dos sentidos (significados) dos signos, pois a frase traz consigo, ao mesmo tempo, sentido e referência: “sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação” (BENVENISTE, 2005a, p. 140).

A frase não possui significados precisos, engessados, pontuais, à semelhança do signo, apesar de seu caráter também de unidade. Ela é a unidade do discurso, e este não corresponde a um sistema em que suas unidades significam por oposição, mas por circunstâncias de emprego – e nelas entram as categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço*. Isto é, a frase unicamente é frase porque constitui o discurso, e este somente o é quando um locutor mobiliza a língua (forma) na comunicação.

É nessa linha de pensamento e a partir dessas considerações que Benveniste afirma a impossibilidade de, em uma análise linguística, se trabalhar apenas com a forma ou apenas com o sentido. Esses dois níveis são indissociáveis: para se chegar ao sentido, é preciso partir da forma, atentando para as relações entre as unidades significantes e, para se analisar e trabalhar com a forma, é preciso que ela, de antemão, tenha um sentido, isto é, signifique.

5 Este artigo data de 1962, ano em que foi publicado nos anais do Proceedings of the 9th International Congress of linguists.

6 Publicado em 1969, na revista *Semiótica*.

7 Publicado na revista *Le Langage II*, em 1966.

8 Neste artigo, Benveniste ainda não designa os dois níveis propostos como semiótico e semântico. Ele o faz no artigo *Semiologia da língua* (2006).

O texto *Semiologia da língua* (2006b) estabelece uma visível continuidade nas discussões tecidas em *Os níveis da análise lingüística* (2005a). Partindo de Saussure e novamente questionando conceitos tecidos por ele, o estudioso francês busca primeiramente apresentar o que seria a Semiologia e como esta poderia constituir-se como ciência, já que, no *Curso de lingüística geral* (2002), vê-se apenas uma prospecção de seu fundamento, para, em seguida, trazer as bases do que seria uma teoria da enunciação, considerada a partir da dicotomia semiótico/semântico.

Para deslindar a conjuntura própria à semiologia da língua, Benveniste (2006b) estuda e analisa a natureza das relações entre os sistemas de signos – que ele designa sistemas significantes. Toma, para isso, o sistema significativo musical, o da pintura e o de sinais de trânsito. Chega à conclusão, após analisar minuciosamente o funcionamento de cada sistema em seu interior e na sua relação com os demais, que “toda semiologia de um sistema não-lingüístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não podendo existir senão pela e na semiologia da língua”; dito de outro modo, “a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, lingüísticos e não lingüísticos” (p. 61).

As discussões de Benveniste, nesse artigo, se encerram – este ponto talvez seja o mais importante – com a consideração de que ao sistema lingüístico cabe interpretar os demais, por sua condição dicotômica: é, ao mesmo tempo, semiótico e semântico. Semiótico na medida em que a significação é intrínseca ao signo lingüístico e semântico na medida em que a significação (sentido) se constrói pela relação dos signos na situação do discurso, quando o locutor os emprega.

Com tais argumentos, Benveniste levanta as bases para o que designará posteriormente “o aparelho formal da enunciação<sup>9</sup>” (2006a). Antes disso, porém, outro artigo intitulado *A forma e o sentido na linguagem* (2006c) vem dar seqüência às discussões sobre os níveis semiótico e semântico.

O referido texto aprofunda as reflexões sobre as relações estabelecidas entre o nível do signo e o nível da frase. A *forma* é o lugar das relações paradigmáticas, efetivadas pela seleção de um signo e não de outro – considerando o valor opositivo entre eles – para ocupar certa posição na frase. Esta é caracterizada como o lugar das relações sintagmáticas, isto é, das relações de associação entre os signos que no seu conjunto, no seu todo associativo, formam uma unidade de *sentido*, a qual “participa sempre do *aqui e agora*” (2006c, p. 230).

Assim, é correto considerar que o nível do *semiótico* é idêntico ao da *forma*, e o nível do *semântico* é idêntico ao nível do *sentido*. Se na forma da língua os signos significam por si, no semântico eles significam pelo todo – a frase – que compõem, constituindo, desse modo, o sentido.

### 3 O SUJEITO, A SUBJETIVIDADE, A INTERSUBJETIVIDADE E O ELEMENTO NÃO-SUBJETIVO

Não é por mera coincidência que os artigos Estrutura das relações de pessoa no verbo<sup>10</sup> (2005b), A natureza dos pronomes<sup>11</sup> (2005c) e Da subjetividade na linguagem<sup>12</sup> (2005d) estão distribuídos, juntamente com outros, na seção V do livro Problemas de Lingüística Geral I intitulada O homem na língua. Benveniste assim os dispôs porque justamente tratam, *latu sensu*, de apresentar os mecanismos e os

9 Artigo publicado com este título na revista *Langages*, em 1970.

10 A publicação primeira é de 1946, no *Bulletin de la Société de linguistique*.

11 Publicado em 1956 em *For Roman Jakobson*.

12 Sua publicação data de 1958, no *Journal de psychologie*.

elementos da língua que comportam a presença do homem<sup>13</sup> nela. A essa presença, o teórico designa subjetividade.

Nos três textos referidos acima, encontramos um estudioso da linguagem preocupado em explicar por que a categoria de pessoa ocupa lugar central na enunciação e no processo de produção dos sentidos e como ela se marca na língua, através da matriz morfológica dos “pronomes pessoais”. Também coloca no centro das discussões a problemática da classificação do ele/ela como “terceira pessoa”, dado que tal categoria não participa diretamente da alocação, não podendo ser tomada, por isso, como pessoa. Pelo estudo dos verbos, dos pronomes e da subjetividade, podemos considerar como ponto de convergência entre os três artigos o axioma benvenisteano de que “a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas a sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas<sup>14</sup>” (2005d, p. 289).

Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (2005b), Benveniste discute a classificação da categoria de pessoa por seus traços opositivos, ou seja, coloca cada uma delas – as pessoas do singular e as pessoas do plural – em oposição às demais, obedecendo a um método de análise estrutural.

Partindo da situação enunciativa – em que “eu designa aquele que fala”, implicando com isso um enunciado sobre o eu, e “ao mesmo tempo, eu enuncia algo como um predicado de tu” para o tu (p. 250) –, o linguista exclui a “terceira pessoa” ele/ela do quadro de personalidade, uma vez que ela não participa diretamente da enunciação.

Dessa constatação resulta a primeira oposição, designada por Benveniste como correlação de personalidade (p. 254), fundamentada na oposição do eu e do tu relativamente ao ele/ela. Sendo o eu a pessoa que enuncia (locutor) e o tu a pessoa a quem se dirige o enunciado (alocutário), ao ele/ela não está reservado papel algum na interlocução. Ele/ela se caracteriza, portanto, como não-pessoa, em face de sua exclusão na situação de enunciação.

A segunda oposição é denominada correlação de subjetividade, e dela participam as verdadeiras pessoas, isto é, eu em oposição a tu, pelo fato de que eu é a pessoa que está no interior do enunciado e o tu é a pessoa que transcende a essa interioridade. Eu e tu participam, no entanto, da enunciação, apesar de seu caráter opositivo interior/exterior (do enunciado).

Quanto à pluralização das pessoas eu e tu e da pluralização da não-pessoa ele, Benveniste explica que o nós não é um eu “quantificado ou multiplicado” (2005b, p. 258), mas um eu dilatado, ou seja, expandido e de “contornos vagos”. O mesmo ocorre com a pessoa do tu. Com relação a não-pessoa, o ele é o único que admite plural, verdadeiramente, por referir não à situação da enunciação, mas a algo (pessoa ou coisa) que está fora dela. Logo, nos casos anteriores, não há pluralização, mas pessoa estrita (“singular”) e pessoa amplificada (“plural”).

Nos dois artigos seguintes, *A natureza dos pronomes* (2005c) e *Da subjetividade na linguagem* (2005d), Benveniste dá continuidade ao estudo dos “pronomes pessoais”, aprofundando a relação das marcas de pessoa eu e tu com a instância do discurso. Conforme Beth Brait (2006, p. 44), o referido teórico “demonstra que a especificidade dessas formas lingüísticas encontra-se no fato de que elas remetem sempre à enunciação. E que a enunciação, diferentemente da língua, é cada vez única, contendo e refletindo o emprego das formas”.

---

<sup>13</sup> O homem que está na língua e dela se apropria para se subjetivar, quando o faz, toma o lugar de locutor, entidade lingüística que não coincide com o sujeito empírico.

<sup>14</sup> Citação do artigo *Da subjetividade na linguagem* (1958).

Benveniste questiona, no texto sobre a natureza dos pronomes, a qual “realidade” se referem o eu e o tu no enunciado, já que são formas “vazias” de significado. Responde, ratificando a referência à realidade do discurso (2005c, p. 278), que é sempre única, pois está subordinada ao aqui e agora da enunciação. Desse modo, as categorias eu e tu somente significam no ato de apropriação da língua realizado por um locutor, que instaura, com isso, a enunciação.

Em Da subjetividade na linguagem (2005d), encontramos, inicialmente, a discussão sobre o caráter instrumental da linguagem. O autor refuta tal ideia – de que a língua é um instrumento – pelo fato de a linguagem ter seu fundamento no funcionamento simbólico, cuja dimensão é interior ao homem e não exterior como o é a ferramenta. Benveniste acrescenta que é inútil pensar o homem em seu estado primitivo destituído de linguagem, tendo ele aparecido em algum momento, realizando, assim, a comunicação. Consequentemente, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (p. 286). Partindo dessa proposição, o linguista apresenta as bases da “subjetividade”, que é, em síntese, a “capacidade do locutor para se propor sujeito” (Ibidem).

Toda e qualquer língua somente pode ser pensada a partir da existência do “ego” que, por sua vez, pressupõe um tu – relação de intersubjetividade. É pela apropriação da língua, na enunciação, que o sujeito se marca (nela), instaurando a subjetividade. O sentido, desse modo, está condicionado à situação do discurso, já que depende da apropriação linguística do “ego” no aqui/agora para se constituir.

#### 4 A ENUNCIÇÃO E SEU APARELHO FORMAL: AS CATEGORIAS DE PESSOA, TEMPO E ESPAÇO

Se nos artigos sobre os níveis da análise linguística e sobre a (inter)subjetividade na linguagem, Benveniste apresenta os planos da significação e as categorias que compõem, participam e produzem o discurso, tais como as de *pessoa*, em *A linguagem e a experiência humana*<sup>15</sup> (2006d) e em *O aparelho formal da enunciação* (2006a), o teórico se dedica, mais insistentemente, à categoria *tempo*, cuja função, na instância do discurso, é marcar o momento em que esse se realiza pela mobilização linguística do *ego*. O teórico admite, quando inicia suas reflexões no trabalho de 1965, que há duas categorias fundamentais do discurso e que estão “necessariamente ligadas, a de pessoa e a de tempo” (p. 68).

Em relação à pessoa, temos, em *A linguagem e a experiência humana* (2006d), uma retomada de considerações que levam ao quadro da intersubjetividade. A relação dialética entre um *eu*, pessoa subjetiva que faz a língua funcionar, e um *tu*, pessoa não-subjetiva a quem o *eu* dirige sua enunciação, é a condição primeira da realidade linguística.

Do acontecimento da enunciação participa, além das categorias de *pessoa*, a categoria de *tempo*, que se marca na língua como o *presente* da instância discursiva. Não é o tempo presente gramatical que Benveniste (2006d) refere no artigo, mas o tempo em que o locutor toma a língua por sua conta e enuncia, instaurando o *aqui-agora* da enunciação.

Na tentativa de dar maior precisão à caracterização da categoria tempo, o linguista esclarece que ela não é uma instância homogênea, unívoca. Na contramão dessa ideia, deparamo-nos com uma divisão tripartite daquilo que no lugar comum soa como um todo fora da discrepância e da contingência: a noção de tempo. Temos assim, na ótica benvenistiana, o *tempo físico*, o *tempo crônico* e o *tempo linguístico*.

O *tempo físico* é o tempo das experiências humanas, das emoções e dos sentimentos, e se organiza segundo uma sequência linear de acontecimentos que varia de pessoa a pessoa, de acordo com os fatos e com o modo como cada um percebe tais fatos. É, pois, em certa medida, o tempo psíquico.

<sup>15</sup> Publicado na revista Diogenes, em 1965.

O *tempo crônico* é, para Benveniste (2006d), o tempo do calendário, ordenado a partir de três condições: a *estativa* (que fornece o ponto zero da contagem do tempo, como por exemplo, o nascimento de Cristo para os ocidentais), a *diretiva* (determinada pelo funcionamento dos termos opostos *antes* e *depois*, em relação ao eixo de referência) e a *mensurativa* (aquela que fixa as unidades de medida do tempo em minutos, horas, dias, meses, anos, décadas etc.).

Essas características do tempo crônico são, de acordo com Benveniste (2006d, p. 72), “o fundamento da vida das sociedades”, pois é graças a essa organização temporal que o homem se localiza perante os acontecimentos. É necessário que haja essa linha de sucessão de fatos, com base em um eixo de referência, para que o caos não predomine. Se cada sujeito se guiasse apenas pelo tempo físico, não haveria sequer possibilidade de história, individual ou coletiva, já que ela está subordinada a um eixo (imaginário) de sucessão de fatos.

Quanto ao *tempo linguístico*, Benveniste (p. 74) postula que sua singularidade se localiza no “fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala”, ou seja, “ao fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. Seu centro é, desse modo, o *presente* da instância da fala, que se faz *presente* a cada vez que um locutor emprega a língua, marcando-se nela como *eu*, no momento mesmo da enunciação.

O *presente* como referência à instância do discurso possibilita a constituição de duas outras coordenadas temporais, cuja existência se dá no enunciado e não na enunciação: a de passado e a de futuro. O passado se estabelece na medida em que o “acontecimento não é mais contemporâneo do discurso” e o futuro se instaura quando “o acontecimento não é ainda presente” (p. 75).

A matriz temporal construída por Benveniste, no artigo de 1965, será retomada e ratificada em um trabalho posterior, publicado em 1970, *O aparelho formal da enunciação*.

Certamente, o artigo acima citado é o mais conhecido do autor, porque, de certa forma, sintetiza em um único texto reflexões e postulados que haviam sido desenvolvidos em vários trabalhos anteriores. Benveniste parte da dicotomia estruturalista dos planos da linguagem – das formas ou semiótico e dos sentidos ou semântico – para, novamente, mostrar que o sentido se constrói no nível semântico, quando o locutor põe a língua para funcionar, instituindo, com isso, o presente da enunciação.

Flores et alii (2008, p. 54) esclarecem que, para Benveniste, estudar o presente da enunciação é estudar a manifestação da subjetividade, isto é, “da intervenção do sujeito no espaço e no tempo”, já que ele se apropria das formas da língua, mobilizando-as no discurso, fato que marca o *aqui-agora* da enunciação. Sendo a apropriação da língua pelo locutor cada vez única, dada a irrepetibilidade do tempo linguístico, a enunciação será também sempre única.

Seguindo essa linha de pensamento, entendemos que uma análise linguística que leve em conta os pressupostos teóricos benvenistianos não pode prescindir do estudo de pelo menos um elemento da tríade tão reiteradamente debatida pelo linguista. Tal é a de *pessoa, tempo e espaço*. Nossa análise centra-se, desse modo, nas categorias de *pessoa e tempo*.

## 5 A ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA: HISTÓRIA E ENSINO

A Associação Italiana de Santa Maria (AISM) foi oficialmente fundada no ano de 1992, em substituição à Sociedade de Cultura Ítalo-Brasileira “Dante Alighieri”, criada em 25 de julho de 1985. O principal objetivo da referida associação é “o estudo e o cultivo da língua italiana” (cf. consta no estatuto de 1992, p. 1), desenvolvendo ações político-linguísticas e culturais, dentre as quais a oferta de cursos para o aprendizado dessa língua voltados à comunidade santa-mariense e aos interessados em geral.

O documento que rege o funcionamento dessa instituição é o Estatuto Social da Associação Italiana de Santa Maria (1992), constituído de 17 capítulos. No capítulo II, são apresentados os objetivos. Compete, pois, à citada entidade: promover intercâmbios culturais, organizar feiras, desfiles, conferências, cursos, exposições típicas e celebrar datas cívicas, organizar e manter bibliotecas, corais, grupos de danças, teatros, resgatar e preservar o patrimônio cultural dos imigrantes e seus descendentes, dar apoio moral e assistência social aos italianos carentes e seus descendentes e fiscalizar projetos e obras de arte e arquitetura tipicamente italianas para que sejam coerentes com o estilo original.

Quanto aos recursos de que dispõe para funcionar, a AISM conta com o incentivo financeiro de um grupo de sócio-fundadores, de proprietários de estabelecimentos comerciais e empresas, e do apoio também financeiro do Ministério das Relações Exteriores da Itália.

Os cursos de italiano oferecidos pela AISM são reconhecidos pela Universidade Federal de Santa Maria, que tem com essa associação um acordo de cooperação técnica e considera as atividades que ela desenvolve como projeto de extensão. Também os cursos de língua italiana são reconhecidos pelo Consulado e pelo Ministério das Relações Exteriores da Itália. A AISM pode ser vista, então, como um órgão de fomento da língua italiana que depende do Estado italiano e do Estado brasileiro para legitimar suas ações e projetos.

## 5.1 Os livros didáticos para o ensino de italiano e o texto dos prefácios

Os cursos de língua italiana começaram a ser ofertados em meados da década de 1980, quando a AISM ainda era nomeada *Sociedade de Cultura Ítalo-Brasileira “Dante Alighieri”*. O primeiro livro adotado para o ensino foi *Língua e Vita D’Italia*, dos autores Katerin Katerinov e Maria Clotilde Boriosi Katerinov, publicado em 1981. O segundo livro foi *Grammatica Italiana per Stranieri. In Italiano: corso multimediale di língua e civiltà a livello elementare e avanzato*, dos autores Ângelo Chiuchiù, Fausto Minciarelli e Marcello Silvestrini, publicado em 1990. E o terceiro livro adotado – material utilizado atualmente – foi *Progetto Italiano. Corso multimediale di língua e civiltà italiana*, de autoria de Telis Marin e Sandro Magnelli, publicado (segunda edição) em 2006.

Conforme informação dada pelo coordenador pedagógico da AISM, o primeiro livro, *Língua e Vita D’Italia*, foi usado desde o período em que a Associação era designada *Sociedade de Cultura Ítalo-Brasileira “Dante Alighieri”* até o ano de 1994. A partir de então, o material didático passou a ser a *Grammatica Italiana per Stranieri*, a qual foi abandonada em 2004, em favor do *Progetto Italiano*. Este permanece atualmente como suporte didático nos cursos de língua italiana.

Dissemos na introdução deste artigo que a materialidade linguística selecionada para análise é um recorte do prefácio do livro *Língua e Vita D’Italia* (1981). A escolha desse livro, em detrimento dos demais, obedece somente a um critério de ordem cronológica, isto é, optamos por trabalhar, neste momento, com o primeiro livro dedicado ao ensino de italiano. Posteriormente, pretendemos analisar também o prefácio da *Grammatica Italiana per Stranieri. In Italiano: corso multimediale di língua e civiltà a livello elementare e avanzato* (1990) e do *Progetto Italiano* (2006).

Quanto ao texto do prefácio, tomado como materialidade de análise, consideramos, de acordo com Petri (s/d, p. 1), “um texto que precede o texto principal”, tendo como função apresentar a obra e também apresentar um posicionamento, um parecer, uma avaliação *sobre* a obra. Traz também os pontos positivos e a função do “material”, ou seja, para que e para quem ele se destina.

Ainda segundo Petri (p. 2), o prefácio pode ser escrito pelos editores, com o objetivo de vender o livro, pode ser produzido por terceiros, que cumprem a função de qualificar a obra e o autor e de recomendá-la, ou pelo próprio autor, “que estabelece relações de interlocução com os leitores”. No último caso, o texto do prefácio



pode ser tomado como lugar de expressão da subjetividade do autor, representado pelo locutor<sup>16</sup> do enunciado, e, portanto, como lugar de produção de sentidos pelas marcas do emprego – no *aqui/agora* da enunciação – da língua por esse locutor. Além disso, no texto do prefácio, encontramos um locutor “interessado” em convencer seu alocutário de que o material didático apresentado é confiável e eficiente, daí a presença de marcas de subjetividade – materializadas na língua pelo emprego de adjetivos e advérbios – que visam a qualificar positivamente a obra e o método empregado.

O prefácio do livro *Língua e Vita D'Italia* (1981) é redatado pelos próprios autores dos manuais. Disso decorre que nossa análise estará centrada nas marcas de subjetividade, representadas pelas categorias de *pessoa* e *tempo*, deixadas pelo locutor no momento em que assume a língua, colocando-a para funcionar na enunciação. Como objetivo último, interessa-nos a/uma leitura dos efeitos de sentido que essas marcas de *pessoa* e *tempo* produzem nos enunciados, e a/uma leitura dos efeitos de sentido produzidos pelas marcas de subjetividade deixadas na língua pelo emprego da adjetivação e da adverbialização.

## 6 “DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM” (BENVENISTE, 1958): O SUJEITO E SUAS MARCAS NOS ENUNCIADOS DO PREFÁCIO

Transcrevemos, então, o fragmento do texto do prefácio do livro *Língua e Vita D'Italia* (1981), de Katerin Katerinov e Maria Clotilde Boriosi Katerinov, que será analisado.

Innanzi tutto grazie per aver deciso di studiare la *nostra* lingua e per aver scelto di impararla sul *nostro* libro. Se *avete studiato* altre lingue straniere vi sarete *senz'altro* posti il problema del metodo da seguire per impararle *rapidamente* e con il *minore* sforzo possibile. Sarete stati *di certo* anche bersagliati da *certa* pubblicità, che, prendendo a prestito il linguaggio della propaganda commerciale, *promette* mari e monti nel tentativo di convincere i *potenziali* acquirenti a optare per questo o quel testo. Ci *sorgi* allora *spontanea* la domanda: “Che cosa vi *aspettate* da questo libro?” Per non alimentare *troppo facili* entusiasmi vi *diciamo subito* che noi non vi *promettiamo* risultati *miracolosi*. Non *abbiamo inventato* il método “*ideale*”, ma, studiando *a fondo tutti* i metodi esistenti, e recuperando gli elementi *più validi* che ciascuno di essi *offre*, *abbiamo cercato* di realizzare un approccio *integrato* che *consenta* un apprendimento *agevole* e *insieme rapido* (p. 6).<sup>17</sup>

Primeiramente, tomaremos para análise as marcas de pessoa e de tempo e, em seguida, os adjetivos e os advérbios, categorias gramaticais que também expressam subjetividade, sempre considerando as relações internas dos elementos linguísticos (plano semiótico), para alcançar a interpretação no plano semântico.

No texto acima, não vemos um eu individualizado, cuja representação poderia ser feita pela presença do pronome eu ou pelas marcas de primeira pessoa em verbos, pronomes possessivos ou átonos. Temos, pois, um locutor representado pela “pessoa” do nós, fato comum em um texto de prefácio de um livro de dupla autoria. Esse nós se marca nos pronomes possessivos (*nostra*, *nostro*), nos verbos (*diciamo*, *promettiamo*, *abbiamo inventato*, *abbiamo cercato*) e pelo próprio *noi*. Mas que locutor é esse que assume a palavra e enuncia, imputando a responsabilidade pelo que diz não a um eu, mas a um nós?

É, conforme explica Benveniste (2005b, p. 258), um eu não quantificado ou multiplicado, ou seja, não composto de vários eus, mas um eu dilatado, com contornos vagos, que abriga ao mesmo tempo a pessoa subjetiva e outra(s) pessoa(s) que não enuncia(m), porém, acaba(m) assumindo a responsabilidade pelo que é

<sup>16</sup> Entendemos a categoria locutor, à luz de Benveniste, como a figura linguística que se apropria da língua colocando-a para funcionar, instaurando o *aqui/agora* da enunciação. Não coincide, portanto, com o sujeito psico-biológico; é, pois, uma entidade linguística.

<sup>17</sup> Tradução: Antes de mais nada, obrigado por ter decidido estudar a nossa língua e por ter escolhido aprendê-la com o nosso livro. Se você estudou outras línguas estrangeiras, sem dúvida, você será confrontado com a questão de qual o método a seguir para aprendê-las rapidamente e com o menor esforço possível. Você certamente também foi alvo de certas publicidades, que, tomando emprestada a linguagem da propaganda comercial, prometem mares e montanhas na tentativa de convencer os potenciais compradores a optar por este ou aquele livro. Então, surge naturalmente a pergunta: “O que você espera com este livro?” Para não alimentar o entusiasmo demasiado fácil, dizemos, de antemão, que não lhes prometemos resultados milagrosos. Nós não inventamos o método “ideal”, mas estudando com profundidade todos os métodos existentes e recuperando os elementos mais valiosos de cada proposta, tentamos criar uma abordagem integrada que permite uma aprendizagem ao mesmo tempo fácil e rápida (p. 6).

dito. O autor classifica o nós como a pessoa amplificada (p. 259), e nela se anexam ao eu “uma globalidade indistinta de outras pessoas” (p. 258).

O fato de, empiricamente, haver duas pessoas que produzem o material didático, não serve, portanto, como justificativa para que no plano semântico haja um nós enunciador, pois esse nós não é a soma de dois eus, e sim um eu ampliado. Essa dilatação/ampliação do sujeito que enuncia e se representa por um nós produz, para o interlocutor, um efeito de sentido de cooperação, de solidariedade entre as “pessoas” (eu e não-eu) que fazem parte do nós. Ao mesmo tempo o locutor não toma somente para si a responsabilidade pelo que está sendo apresentado no texto do livro didático. Ele amplia para o não-eu (p. 256) a tarefa de produzir os enunciados do livro e de se responsabilizar pelo que está sendo dito nele. Isso causa um efeito de confiabilidade, de segurança e de seriedade, na medida em que o material apresentado tem uma produção conjunta, de equipe e não individual.

Por outro lado, a responsabilidade por um possível fracasso na aprendizagem da língua italiana, ocasionado pela pouca eficácia da metodologia desenvolvida, não recai apenas na instância do eu. Falar – no sentido de enunciar – em nome de nós é também uma forma de o locutor não se comprometer sozinho pelo que diz.

Com relação ao tempo do enunciado<sup>18</sup>, percebemos que predomina o presente e o passato prossimo. Antes de analisarmos o funcionamento de tais temporalidades nos enunciados, interessa-nos fazer uma distinção entre tempo da enunciação e tempo do enunciado, à luz das reflexões de José Luiz Fiorin no artigo *Categorias da enunciação e efeitos de sentido* (2001).

O tempo da enunciação, conforme o teórico, é o momento em que o locutor se apropria da língua e enuncia. Tanto esse tempo quanto a própria enunciação são da “ordem do inefável” (FIORIN, 2001, p. 109), ou seja, somente podem ser apreendidos no momento em que a enunciação está acontecendo. O tempo, nessa circunstância, é irrepitível. Mas o fato de o locutor enunciar acaba deixando no enunciado as marcas do tempo em que se deu a enunciação. Esse tempo é, pois, o do enunciado e é o único que pode ser apreendido posteriormente.

Nessa medida, vemos no texto do prefácio um enunciador nós que no momento da enunciação – presente da enunciação – se coloca na perspectiva de um presente ou de um passato prossimo – tempo do enunciado. No primeiro caso, o tempo da enunciação e o do enunciado coincidem; no segundo caso, não.

Começamos pelo primeiro caso. Os verbos *promette*, *sorgi*, *aspetatte*, *diciamo*, *promettiamo*, *offre* e *consenta* estão marcando o presente do enunciado. Isso equivale a dizer que, no instante mesmo da enunciação, o locutor situa-se e situa os fatos no agora. Esse agora, por sua vez, estará sempre se renovando a cada vez que o enunciado for repetido.

A *Grammatica italiana di base* (2007) explica que o tempo presente “indica coincidenza tra l’evento e il momento dell’enunciazione”<sup>19</sup> (p. 112), assim sendo, “falar” na perspectiva de um presente é tornar o enunciado sempre presente, sempre atual. O efeito produzido por esse presente do enunciado, que está sempre se renovando, é de durabilidade, de atualidade, de permanência.

Os verbos *diciamo* e *promettiamo* – que marcam o presente da enunciação, o presente do enunciado e a presença do sujeito nós – expressam, no enunciado, o comprometimento constante do enunciador nós com aquilo que está dizendo e prometendo. E esse efeito de compromisso e de constância é construído pelo emprego do verbo no presente.

<sup>18</sup> No artigo *Categorias da enunciação e efeitos de sentido* (2001), José Luiz Fiorin distingue o tempo da enunciação do tempo do enunciado.

<sup>19</sup> Tradução: indica coincidência entre o evento e o momento da enunciação.

Com relação ao *passato prossimo*, a *Grammatica italiana di base* (2007) traz a seguinte consideração: “segnala un’azione conclusa nel passato i cui effetti perdurano nel presente”<sup>20</sup> (p. 134). Dessa forma, as ações expressas pelos verbos *avete studiato*, *abbiamo inventato* e *abbiamo cercato*, que estão conjugados no *passato prossimo*, não são ações totalmente acabadas, já que guardam uma relação com o presente.

Nos enunciados em que esses verbos aparecem, o sujeito nós, no momento da enunciação, está deslocando as ações, os fatos para um passado, mas para um passado que ainda não terminou, isto é, o tempo dos acontecimentos expressos pelos verbos ressoa no agora da enunciação. Essa característica de não finitude do *passato prossimo* gera, assim como o presente, um efeito de continuidade, de permanência das ações de (não)inventar (*abbiamo inventato*) um método ideal de ensino de língua, mas de tentar (*abbiamo cercato*) criar uma abordagem eficaz.

Saindo do plano do enunciado e passando para o plano do real, do empírico, podemos considerar, pelos aspectos analisados acima, que os autores do livro didático buscam a aproximação e a confiança do leitor e dos possíveis estudantes de língua italiana através do uso de estruturas verbais de presente e de passado próximo, estruturas essas que produzem um efeito de atualidade do método de ensino e um efeito de comprometimento constante dos autores com a tarefa de apresentar uma abordagem eficaz para a aprendizagem de italiano.

No que tange às adjetivações e às adverbializações, também encontramos no emprego dessas classes gramaticais as marcas de um sujeito que está valorizando e afirmando a eficácia do método de ensino apresentado, bem como destacando os bons resultados na aprendizagem do italiano que o livro, como um todo, proporciona.

No último parágrafo do texto do prefácio, os adjetivos *facili* (fácil), *miracolosi* (milagroso) e *ideale* (ideal) antecedidos da negação *non* estão desqualificando aqueles métodos que prometem resultados rápidos e milagrosos na aprendizagem de uma língua estrangeira. O sujeito se marca, assim, no enunciado pelo modo de caracterizar outras metodologias, colocando-as em posição de inferioridade e descrédito em relação à metodologia que está sendo apresentada, já que não existe uma abordagem ideal, de fácil compreensão e aplicação e que traga resultados milagrosos. Tais adjetivos antecedidos de negação produzem um efeito de sentido de prevenção, de advertência ao leitor, para que este não espere do livro e do método de ensino um resultado sobrenatural.

Em contrapartida, os adjetivos *validi* (válido), *integrato* (integrado), *agevole* (fácil) e *rapido* (rápido) antecedidos de intensificadores como *a fondo* (profundamente) e *più* (muito) marcam o dizer – no sentido de enunciado – de um sujeito que se posiciona favorável e elogiosamente em relação à metodologia de ensino do livro o qual está apresentando.

Há a construção de um paradigma, por parte do locutor, que coloca o falso, o ruim, o ineficaz em oposição ao verdadeiro, ao bom, ao correto, ao eficiente. No primeiro eixo estão as outras abordagens de ensino de língua e os outros livros, e no segundo eixo está a abordagem do livro *Lingua e Vita D’Italia* (1981).

Percebemos, pela análise acima, que o sujeito do enunciado se marca não apenas pelas categorias de pessoa e de tempo, mas também pelas escolhas lexicais, pelo modo como constrói o enunciado, pela ordem sintática, pelo uso de modalizadores, de elementos de qualificação etc.

Ainda o faz por meio da adverbialização. No texto recortado do prefácio, há um grande número de advérbios e locuções adverbiais que, assim como os adjetivos, são usados pelo locutor para marcar sua posição relativamente ao método de ensino que está apresentando. Tais são: *senz’altro* (sem dúvida, certamente), *rapidamente*, *minore*, *di certo* (certamente), *certa*, *troppo* (demasiado), *súbito* (de antemão,

---

<sup>20</sup> Tradução: marca uma ação concluída no passado em que o efeito perdura no presente.

inicialmente), a fondo, tutti, più (mais), insieme (concomitantemente, ao mesmo tempo). Analisemos cada emprego separadamente.

A locução senz'altro (certamente) antecede a ideia apresentada pelo locutor de que para aprender uma língua estrangeira não há método ideal. Também coloca o alocutário em relação de cooperação, levando-o a participar, a partilhar da problemática da escolha do método. O rapidamente e o minore reforçam a ideia anteriormente apresentada.

A locução di certo (certamente) expressa convicção, certeza por parte do locutor de que há propagandas enganosas (certa pubblicità), cujas promessas milagrosas de ensino de língua devem ser rechaçadas pelo alocutário.

Os advérbios troppo (demasiado) e súbito (inicialmente) marcam a posição moderada do locutor no momento de apresentar as vantagens do método, visto que, anteriormente, afirmou não haver uma abordagem ideal. Já o a fondo, o tutti e più (mais) valorizam o método que o locutor traz e conferem credibilidade a ele – ao método – porque seu desenvolvimento é fruto de um estudo profundo (a fondo), amplo (tutti) e seletivo, categórico (più validi).

Finalmente, através do emprego do advérbio insieme (ao mesmo tempo), o locutor reforça as vantagens do método – ao mesmo tempo fácil e rápido – para legitimar o que disse anteriormente e para provocar no alocutário um efeito de convencimento dessas vantagens.

Vimos, então, pelas análises, que o locutor/enunciador nós deixa no enunciado as marcas de sua subjetividade, que se constitui na e pela apropriação da língua por esse locutor na enunciação. Tais marcas produzem no enunciado efeitos de sentido, que são, no texto analisado, efeitos de legitimidade, de autenticidade e de atualidade do método apresentado, efeitos de valorização desse método e de desqualificação dos demais, e efeitos de aproximação com o interlocutor.

Não pretendemos esgotar aqui as possibilidades de análise, mesmo porque isso seria impossível, mas apenas explorar alguns aspectos do texto do prefácio, que podem ser tomados como elementos de subjetividade. Entendemos que há outras formas – no sentido de maneira, modo, e no sentido de materialidade semiótica – de o sujeito se marcar na língua e de se significar no enunciado. O que realizamos é tão somente uma leitura dessas formas.

## 7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Acreditamos não ser necessário retomar, nesta conclusão, o percurso realizado no presente trabalho, porque na introdução já o fizemos de modo bem detalhado. O que é pertinente ressaltar é que buscamos apontar um modo possível de se analisar um texto, partindo dos pressupostos teóricos da Linguística da Enunciação benvenistiana, atentando não apenas para as categorias que compõem o aparelho formal da enunciação, pessoa-tempo-espaco – no nosso caso, somente pessoa-tempo –, mas também para outros aspectos do enunciado que indicam a presença da subjetividade.

Partimos, para tanto, do nível da forma ou linguístico ou semiótico, como sugere Benveniste, observando as escolhas (usos) e as relações entre os elementos linguísticos – entre pronome e verbo, entre adjetivos e advérbios – para traçar, semanticamente, interpretações possíveis a essas escolhas e a essas relações.

Vimos que o aparelho formal da enunciação e os demais elementos de subjetivação não apenas marcam a presença do enunciador nós na língua. Mais que isso, indicam os modos de esse enunciador se relacionar (relação intersubjetiva) com seu enunciatário e de estabelecer com ele, por meio das formas da língua, uma relação de proximidade e de confiança.

A título de conclusão – e de continuidade –, é de nosso interesse, em um próximo trabalho, comparar alguns enunciados do texto do prefácio do livro analisado com enunciados de outro livro didático usado nos cursos de italiano da AISM, a fim de investigar as diferenças e semelhanças entre os modos de subjetivação.

## REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise lingüística. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005a [1962].
- \_\_\_\_\_. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005b [1946].
- \_\_\_\_\_. A natureza dos pronomes. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005c [1956].
- \_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005d [1958].
- \_\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006a [1970].
- \_\_\_\_\_. Semiologia da língua. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006b [1969].
- \_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006c [1966].
- \_\_\_\_\_. A linguagem e a experiência humana. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006d [1965].
- BRAIT, Beth. Enunciação e intersubjetividade. *Revista Letras*, Santa Maria, n. 33, p. 37-50, jul./dez. 2006.
- CHIUCHIÙ, Ângelo. Grammatica Italiana per Stranieri. In: \_\_\_\_\_. *Italiano: corso multimediale di língua e civiltà a livello elementare e avanzato*. Perugia: Guerra, 1990.
- ESTATUTO social*. Associação Italiana de Santa Maria. 1992.
- FIORIN, José Luiz. Categorias da enunciação e efeitos de sentido. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil*. Histórias e Perspectivas. Campinas: Pontes/FAPESP, 2001.
- FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUIMARÃES, Eduardo. *A Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- KATERINOV, Katerin; KATERINOV, Maria Clotilde Boriosi. *Língua e vida d'Italia*. Milão: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1981.
- MARIN, Telis; MAGNELLI, Sandro. *Progetto Italiano*. 2. ed. Firenze: Edilingua, 2006.
- PETRI, Verli. A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no prefaciamento dos dicionários. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009.
- TRIFONE, Pietro; PALERMO, Massimo. *Grammatica italiana di base*. Bologna, Itália: Zanichelli, 2007.

*Recebido em 01/05/12. Aprovado em 25/07/12.*